

Coojournal como objeto de pesquisa: mapeamento dos estudos realizados sobre o jornal¹

Rafael GLORIA²

Aline STRELOW³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil

Resumo

O presente artigo tem como objetivo delinear o estado da arte da pesquisa sobre o jornal alternativo *Coojournal*, que circulou no Brasil durante o regime militar. Produzido pela primeira cooperativa de jornalistas do país, o periódico marcou época pelos furos jornalísticos e reportagens de fôlego. Para esta pesquisa, mapeamos os trabalhos existentes sobre o referido jornal e também sobre a cooperativa de mesmo nome – trata-se da primeira fase de uma investigação mais abrangente sobre o *Coojournal*, que será objeto de estudo da dissertação de mestrado do autor. Ao todo, foram identificados 14 textos, que foram submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Observamos que uma parte dos trabalhos é voltada ao estudo da cooperativa, de forma mais aprofundada, enquanto a maioria destina-se à análise do jornal - de um modo geral, com um recorte temporal ou temático específico.

Palavras-chave: História do Jornalismo no Rio Grande do Sul; *Coojournal*; Imprensa Alternativa; Ditadura Militar.

Introdução

Durante o período da ditadura militar (1964-1985), circularam no Brasil cerca de 300 jornais que se caracterizaram pela oposição direta ao regime instaurado e à violação aos direitos humanos. Muitos deles desempenharam papel fundamental na luta contra o arbítrio e têm sua importância reconhecida nas pesquisas sobre história do jornalismo brasileiro. É o caso do *Coojournal*, criado no Rio Grande do Sul em 1975 e que circulou até 1983, editado pela primeira cooperativa de jornalistas do país. No entanto, embora sua relevância seja ressaltada nos trabalhos relacionados à imprensa alternativa, sua história ainda está por ser contada - o preenchimento dessa lacuna é um dos objetivos da dissertação do mestrado do autor, da qual esse artigo representa uma primeira etapa.

De modo geral, o conjunto dessas publicações de oposição à ditadura ficou

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Alternativa integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestrando do Curso de Jornalismo da UFRGS-RS, email: rafaelglloria@gmail.com

³ Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS-RS, email: alinestrelow@terra.com.br

conhecido como imprensa alternativa, também apelidada de nanica – devido ao formato tabloide adotado pela maioria. Na realidade, o termo “alternativo” só viria mais tarde, mas já era utilizado nos Estados Unidos e na Europa para identificar uma arte não convencional (CHINEM, 1995; KUCINSKI, 1991). Nada mais em sintonia com o momento ditatorial que o país atravessava, com repressão dos militares e resistência através dos campos artísticos.

Ainda que na metade final da década de 1970, no governo de Ernesto Geisel, tenha começado a abertura política, o período foi marcado pela realidade ditatorial. E a censura continuava uma constante. Diferentemente da grande imprensa da época que, de modo geral, era complacente com a ditadura militar, os jornais alternativos cobravam a restauração da democracia e o respeito pelos direitos humanos, até mesmo na época do milagre econômico, em que o discurso do governo triunfava e era ecoado pelos “jornalões” (Kucinski,1991).

Chinem (1995) ressalta a oposição intransigente ao regime militar no Brasil que caracterizava esses periódicos. O movimento alternativo contou com publicações de diferentes estilos e propostas, algumas mais voltadas para a discussão política propriamente dita, outras com enfoque cultural, dedicadas ao diálogo com as minorias ou à crítica ao cerceamento que limitava as expressões artísticas. O que as unia e fazia desse grupo heterogêneo um conjunto afinado era a oposição à ditadura e a luta pelo retorno da democracia.

Kucinski (1991) esclarece o embrião desse tipo de imprensa:

“A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual jornalística sob o autoritarismo que se encontra o nexos dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. (KUCINSKI, 1991, p.6).

Nesse contexto, surgiram publicações históricas como o semanário *O Pasquim*, o jornal *Opinião* e o periódico *Movimento*, a maioria deles no Rio de Janeiro e em São Paulo. *O Pasquim* é um exemplo emblemático – em seu auge, atingiu o número de 200 mil exemplares e tornou-se referência para a criação de novos veículos, como salienta Braga (1991). O jornal *Opinião*, em seus oito primeiros números, ultrapassou os 20 mil

exemplares vendidos, o que foi suficiente para que cobrisse seus custos apenas com a venda em banca. Tal publicação esteve sob censura prévia desde a primeira edição e acabou resistindo ao longo de seis anos.

Embora mais intenso no centro do país, o movimento alternativo alastrou-se pelas diferentes regiões, transformando a crítica ao regime em um discurso de múltiplos sotaques. No Rio Grande do Sul, estado onde foi editado o *Coojournal*, circulou mais de uma dezena de alternativos, tanto na capital, Porto Alegre, quanto nas cidades do interior. O protagonismo do *Coojournal* deve-se a uma série de fatores, mas merece destaque o grupo que o produzia - a cooperativa de jornalistas de mesmo nome, criada em 1974.

Foi uma alternativa para enfrentar a competitividade do mercado, que acabou inspirando projetos parecidos Brasil afora. Dedicou-se inicialmente a boletins empresariais, mas teve no *Coojournal*, lançado em 1975, sua publicação mais marcante. Era o sonho do *jornal dos jornalistas*, de uma folha em que poderia ser publicado tudo aquilo que era censurado na grande imprensa - muitas vezes, antes mesmo de chegar ao censor, em um processo de autocensura que envolvia desde a direção dos jornais até os repórteres.

Em relação à cooperativa, considerada por Kucinski (2003), a mais elaborada alternativa de propriedade para jornais dos anos 1970, sabe-se que tinha como meta principal a edição de um jornal alternativo, embora tenha surgido como uma forma de superar o desemprego. Ao se consolidarem com publicações para terceiros, e assim conseguirem uma situação financeira favorável, os integrantes da cooperativa lançaram seu boletim interno mensal que, menos de um ano depois, tornou-se semanal. Com temáticas variadas e sempre com reportagens de fôlego, o *Coojournal*, cuja última publicação data de 1983, conseguiu desenvolver e se manter em um lugar importante para a história do jornalismo alternativo brasileiro.

As páginas do *Coojournal* traziam críticas abertas ao governo. Anistia e eleições diretas eram algumas de suas bandeiras. Um de seus diferenciais era o espaço reservado às questões da imprensa, como a censura, o autoritarismo nas redações e o lançamento de novos jornais alternativos (KUCINSKI, 2003). O periódico circulou por oito anos, o que não é pouco para um alternativo - a maioria teve vida efêmera, alguns, inclusive, com menos de dez edições. A crise financeira que chegou com a década de 80, provocada pelo

governo ditatorial, foi de tal modo profunda que, apesar das inúmeras tentativas, o jornal não conseguiu mais se reerguer (ROSA, 2002, p.125-166).

Pesquisas sobre o *Coojornal*

A proposta deste artigo, como primeira etapa de uma dissertação de mestrado que tem como um de seus objetivos recuperar a história do *Coojornal*, é realizar um mapeamento do que já foi pesquisado em âmbito acadêmico sobre o periódico e a cooperativa que o editou. Nesse momento, buscamos, então, o que já foi produzido em termos de artigos acadêmicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses com foco tanto no jornal como na cooperativa, para visualizarmos o estado da arte da pesquisa a respeito do tema e colocarmos os trabalhos encontrados em diálogo.

A abordagem metodológica é baseada na análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (1977), com seu três polos cronológicos de trabalho:

1) O primeiro deles é a pré-análise, quando as ideias iniciais são sistematizadas e os objetivos são traçados. Em nosso caso, o objetivo era identificar e analisar a produção científica existente relacionada diretamente a nosso objeto de estudo;

2) O segundo é a exploração do material, quando as decisões tomadas passam a ser administradas e são realizadas as operações de codificação e a análise quantitativa propriamente dita. Nesta pesquisa, correspondeu à busca realizada nas seguintes plataformas: Banco de Teses e Dissertações da Capes; anais dos encontros anuais da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós), da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), tanto em âmbito nacional, como por regiões, e da Associação Brasileira de Pesquisadores da Mídia (Alcar). Sempre com uma atenção maior aos GT's de História da Mídia, História do Jornalismo e História da Mídia Alternativa. Além deles, também pesquisamos nas plataformas Sabi (Catálogo Online da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e no Lume (Repositório Digital de trabalhos acadêmicos da Ufrgs), na Biblioteca Central Irmão José Otão (Catálogo Online da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e no catálogo online da Biblioteca da Unisinos;

3) O terceiro é o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, estágio em que

os resultados começam a aparecer e é realizada a análise qualitativa do material encontrado. Foi submetido a essa categoria de análise um *corpus* de 14 publicações identificadas na etapa anterior. O conjunto de investigações encontrado foi analisado em relação ao formato e ao enfoque. É importante salientar que consideramos apenas os trabalhos voltados especificamente para o estudo da cooperativa e do periódico *Coojournal*, deixando de fora as pesquisas mais amplas sobre história do jornalismo ou história do jornalismo alternativo no Brasil, por exemplo. Certamente essas contribuições são importantes para a fundamentação teórica da dissertação a ser desenvolvida.

Formato dos trabalhos analisados

Foram identificados nove artigos publicados em anais/ capítulos de livro sobre o assunto, que se mostrou o formato predominante; dois trabalhos de conclusão de curso de graduação; duas dissertações de mestrado; um livro, que traz reportagens selecionadas do *Coojournal*, e um texto introdutório sobre o trabalho, editado pela Libretos, da qual Rafael Guimaraens é um dos proprietários – ele também foi um dos repórteres do *Coojournal*. Apesar de não ter um caráter acadêmico, consideramos o livro significativo uma vez que foi organizado por alguns dos profissionais que atuaram no *Coojournal*, como Rafael Guimaraens, Ayrton Centeno e Elmar Bones.

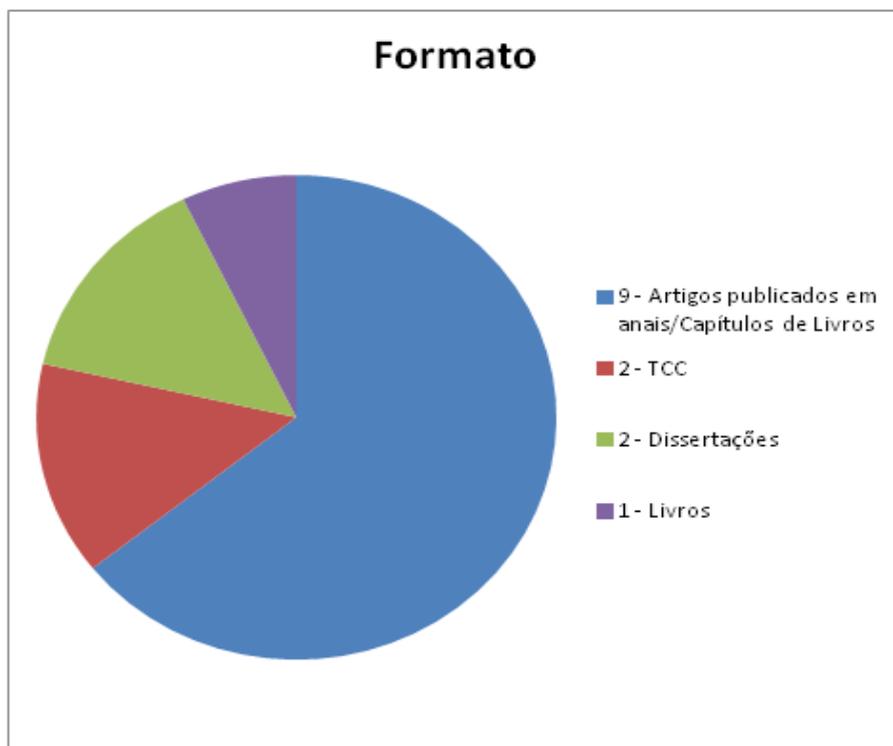


Figura 1: Gráfico para quantificar os formatos em que foi abordado o Coojournal e a Cooperativa

Enfoques das pesquisas

Ao observarmos o enfoque dos trabalhos selecionados para *corpus*, percebemos que há uma maior quantidade de publicações sobre o jornal do que a respeito da cooperativa. Entretanto, de modo geral, os trabalhos sobre a cooperativa são mais aprofundados e abordam com mais afinco a sua constituição, inclusive, trazendo entrevistas de fôlego com os profissionais que ajudaram a construí-la ou relatos dos próprios profissionais contando a história. Já aqueles focados no *Coojournal* tendem a recuperar de forma resumida a história da publicação, alguns deles com recorte em uma parte ou período específico do jornal.

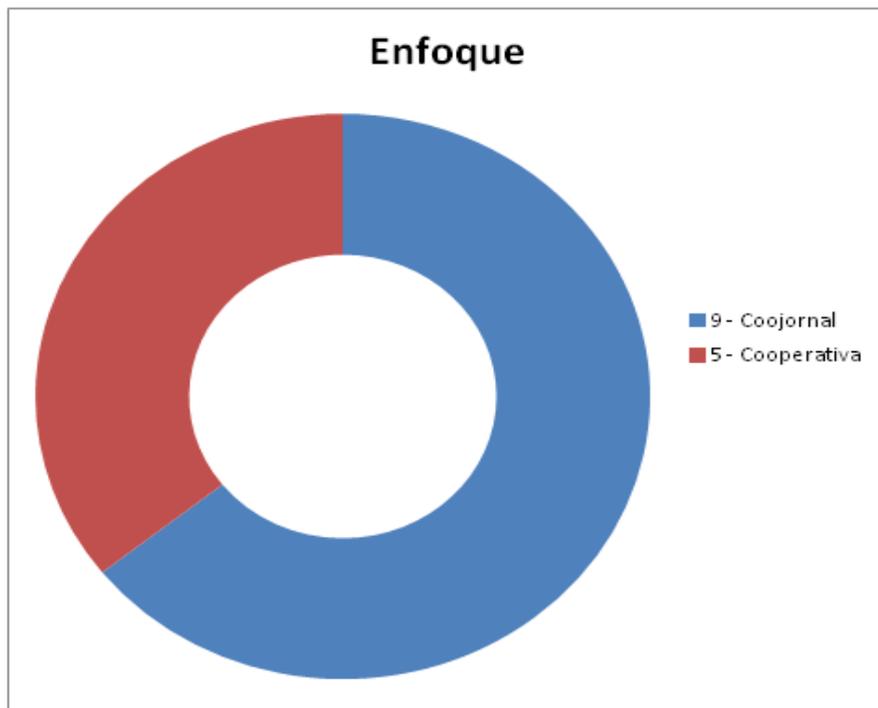


Figura 2: Gráfico utilizado para identificar os trabalhos voltados ao jornal e à cooperativa.

Desse modo, dividimos o nosso *corpus* entre os estudos focados na cooperativa e os trabalhos voltados ao *Coojornal* para analisarmos e colocarmos em perspectiva as investigações realizadas sobre o tema até o presente momento. Essa primeira aproximação com as demais pesquisas que compartilham do interesse pela história do *Coojornal* é fundamental para o desenho mais preciso dos objetivos da dissertação de mestrado do autor deste artigo, além de reunir o conhecimento já divulgado sobre o assunto.

Trabalhos sobre a cooperativa

Nesse tópico, analisaremos os trabalhos que focaram na importância e na reconstituição histórica da cooperativa *Coojornal*, pioneira do formato no Brasil. No final dos anos 1970, quando surgiu, existiam 1.163 cooperativas de produção no país, todas agrícolas, sendo que 220 se localizavam no Rio Grande do Sul (KUCINSKI, 1991). No seu auge, chegou a contar com cem profissionais, tendo editorias de agricultura e cooperativismo, um departamento especializado, uma agência de notícias e uma agência de fotografias.

Um dos trabalhos mais interessantes nesse sentido que encontramos foi a dissertação

A *experiência da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre (Coojournal) como alternativa de organização da categoria profissional*, realizada por Rozana Ellwanger, em 2011. Com foco na cooperativa, o trabalho está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade de Santa Cruz do Sul. A ideia era examinar a experiência como alternativa de organização cooperativada para os jornalistas. No trabalho, a autora, para compreender a organização da iniciativa pioneira, busca estudar também o cooperativismo e a economia solidária, ligados a questão do desenvolvimento regional. Encarando a economia solidária como uma iniciativa com potencial de romper um ciclo de estagnação, ela faz um paralelo com a *Coojournal*, que no caso poderia ofertar informação qualificada à população, auxiliando na formação de um olhar crítico sobre a sociedade.

A dissertação faz uso da metodologia da história oral, a partir de oito entrevistas com jornalistas que trabalharam e formaram a cooperativa, sendo eles Ayrton Centeno, Edgar Vasques, Elaine Lerner, Elmar Bones da Costa, Jorge Polydoro, José Antônio Vieira da Cunha, Rafael Guimaraens e Silvio Corrêa. De modo a respeitar as disputas internas, a autora afirma ter se preocupado em entrevistar membros com diferentes visões: os que apoiavam a diretoria encabeçada por Vieira da Cunha e os contrários à forma como a *Coojournal* era gestada durante os primeiros mandatos. Desse modo, ela reconstituiu a história da Cooperativa a partir da visão e de informações dos atores da ação.

Ao mesmo tempo, Ellwanger publicou dois artigos relacionados à sua pesquisa de mestrado. Um deles, intitulado *Coojournal: o alternativo dos pampas*, também de 2011, faz um resumo da criação da cooperativa, focando no caráter inovador. Não aprofunda nas questões temáticas do jornal e, quando o faz, explora o caráter de reportagem e a abordagem política da publicação. O outro é *Coojournal: experiência cooperativada no jornalismo*, de 2014 - trata-se de um artigo derivado já da dissertação, em que aborda o funcionamento e a história da cooperativa a partir das entrevistas já citadas e da pesquisa bibliográfica e documental. A ideia é mostrar também como a experiência pode servir como uma alternativa de organização da categoria profissional.

Entre os trabalhos que encontramos e que destacam a *Coojournal* também está o artigo *Coojournal, um novo olhar sobre uma história conhecida*, do jornalista André Pereira, publicado nos anais do X Encontro Nacional de História da Mídia - Alcar 2015, sendo,

portanto, um dos mais recentes do *corpus*. Nele, o jornalista que trabalhou na fase inicial da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre traz uma interpretação diversa, que contesta a trajetória mais conhecida da *Coojornal*, fixada por fontes ligadas à direção que saiu vitoriosa nas eleições de 1978. Pereira fazia parte da chapa de oposição. O autor estabelece a divisão em três fases para melhor compreensão da trajetória: “1974/1978 – início da cooperativa, surgimento e afirmação do mensário *Coojornal* e posterior eleição com chapas opostas; 1978/1981 – confirmação da mesma gestão administrativa, lançamento e fechamento do semanário *O Rio Grande* (1979) e início da decadência da cooperativa e do mensário; 1982/1983 – formalização da morte do jornal e do final da *Coojornal*” (PEREIRA, 2015).

Mais do que isso, ele demonstra ao longo do artigo que conhece a bibliografia sobre a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre e, inclusive, contesta algumas posições. Pereira afirma que depois das eleições, com a derrota, os opositores, em grande maioria, saíram da cooperativa e não mais voltaram, contrariando a versão defendida pelo ex-presidente da *Coojornal*, José Antonio Vieira da Cunha. Segundo o autor, “ao longo dos anos, vingou uma versão única que enfoca basicamente o segundo período, não é atitude isolada, como se verifica na bibliografia geral sobre a *Coojornal*. Mais do que isto, ampara a visão e o depoimento dos atores deste curso dos acontecimentos”. Para ele, é essa versão que se reproduz, automaticamente, em livros, reportagens, dissertações e teses acadêmicas. Conforme o artigo, “o fato de não se ouvir os contestadores da gestão no início da história da *Coojornal* é até mesmo amenizado, como ocorreu na dissertação de mestrado de Rozana Elwanger, defendida em 2011” (PEREIRA, 2015).

Para finalizar, é importante citar o trabalho de Danilo Ucha, também um dos jornalistas a formar a *Coojornal*. Trata-se do capítulo de livro *História do Coojornal*, publicado na *Antologia Prêmio Torquato Neto, ano 2 - O Poder da Imprensa Alternativa Pós-64: Histórico e Desdobramento*, um dos primeiros a contar a história da formação da cooperativa, sendo fonte, inclusive, para o texto de Bernardo Kucinski sobre a *Coojornal*, no livro *Jornalistas e Revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*.

Trabalhos sobre o jornal

O periódico começa a circular em 1975, época em que o AI-5 ainda estava em curso e a censura continuava uma constante. Elio Gaspari em seu livro *A Ditadura Escancarada*, lembra que “quando foi retirada, em 1978, a mordaza (AI-5) tinha superado a duração do

controle da imprensa na ditadura de Vargas, transformando-se no mais prolongado período de censura da história do Brasil independente (GASPARI, 2002 p.222)”. No início da década de 1970, o Estado de São Paulo publicava receitas de bolo, ou poemas de Camões, nos espaços que ficavam em branco devido à censura. O diário mais massacrado, entretanto, segundo Gaspari, foi a Tribuna da Imprensa, do Rio de Janeiro, que sofreu mais de vinte apreensões, e teve censores dentro de seu prédio por dez anos.

O regime autoritário duraria até 1983 e a ainda demoraria até o seu derradeiro final. Nesse sentido, Kucinski afirma que o *Coojornal* se tornou o contador da história, ao mesmo tempo em que ela acontecia:

“Como método narrativo, adotavam a reportagem histórica, fundamentada em documentos e depoimentos dos protagonistas ainda vivos. Tornou-se um jornal “memorialista”, referenciado no plano do jogo político, não do ideológico, muito menos do psicológico ou do cultural. Nas raízes da vocação historicista de *Coojornal* estavam a herança e a especificidade cultural do Rio Grande do Sul, um Estado que preserva sua história, “a influência de Elmar Bones, para quem nada na história acontece por acaso”, e a circunstância de terem sido gaúchos os principais protagonistas da crise institucional que desembocou no golpe de 1964” (KUCINSKI, 1991, p.146).

Em nosso *corpus*, identificamos nove trabalhos relacionados ao *Coojornal*. Começamos pelos artigos *Correio do Povo e Coojornal: análise hegemônica* e *Correio do Povo e Coojornal sob a ótica da hegemonia em Gramsci: o sequestro dos uruguaios na Ditadura Militar*, ambos de autoria de Rhêa Carolina Hickmann Ribas, publicados nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, dos anos de 2013 e 2014, respectivamente. A ideia aqui é, por meio de um trabalho de comparação entre uma mídia hegemônica, como o *Correio do Povo*, e uma mídia contra-hegemônica, como o *Coojornal*, saber de que modo ambas as publicações abordam o caso do sequestro dos uruguaios em 1978. Trata-se de um recorte da monografia que foi desenvolvida pela autora dentro do Projeto de Iniciação Científica da ESPM-Sul. Vai ao encontro desse trabalho, uma vez que também se utiliza da comparação e não tem a história do *Coojornal* como o foco principal, o artigo *O jornalismo alternativo gaúcho antes e depois de o “Segredo da Pirâmide”*: a repercussão do ensaio de Adelmo Genro Filho, de Iuri Almeida Müller. O autor parte da proposta de Adelmo Genro Filho, que teorizou o jornalismo como uma forma

social de conhecimento no ensaio *O Segredo da Pirâmide*, e busca dois exemplos que dialogam com a teoria dentro da imprensa alternativa gaúcha: o *Coojornal* e o *Jornal Sul21*, veículo eletrônico fundado em 2010. Nesse sentido, então, o autor utiliza o *Coojornal* mais como um objeto para trabalhar um conceito maior, nesse caso, o do jornalismo como uma forma social de conhecimento.

Ainda no campo da Comunicação, temos mais um artigo de Rozana Ellwanger, intitulado *Perdão, leitores: uma análise da crítica política na seção opinativa do Coojornal*, publicado no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2010, ou seja, antes de sua dissertação de mestrado. Aqui, entretanto, o seu foco não é na cooperativa, mas sim na seção opinativa *Perdão, leitores*, do *Coojornal*. Através da análise do discurso, a autora verificou que o jornalista Luiz Claudio Cunha introduzia opiniões políticas em textos que, à primeira vista, apenas avaliavam o trabalho dos demais meios de comunicação. Nesse sentido, é um artigo que tenta descobrir novos sentidos dos textos publicados, e identifica esse caráter político em uma coluna que, a princípio, não tinha esse objetivo.

Outro que segue essa linha é o trabalho de conclusão de curso em Jornalismo pela UFRGS *Humor e Subversão: A comicidade nas ilustrações do Coojornal e a resistência política*, de Thamiriz Rocha Amado, de 2015. Nele, a autora analisou as ilustrações publicadas nos dois últimos anos do *Coojornal*, referentes aos anos de 1982 e 1983. O objetivo centrou-se na relação entre as questões referentes ao humor e ao jornalismo e de como essa dinâmica se dava em um período de repressão e de censura aos meios de comunicação. Entendendo o humor como uma forma de burlar ou criticar o controle aos meios de comunicação, a autora selecionou quatro ilustrações relacionadas com a política, dos chargistas Santiago e Edgar Vasques, para serem analisadas em seu conteúdo político. O humor também foi uma forma de crítica ao regime nas páginas do *Coojornal*.

No campo da História, encontramos três trabalhos em que o *Coojornal* é abordado de forma mais sólida, trazendo novos olhares sobre a publicação. O primeiro deles é o trabalho de conclusão de curso *Lutas Democráticas: A campanha pela anistia nos Jornais Alternativos Coojornal (1978-1980) e Rio Grande (1979)*, de Fraya Bergamini, de 2008, realizado no curso de História da UFRGS. Nele, o objetivo é analisar a campanha em prol da anistia empreendida pelo *Coojornal* e *O Rio Grande* durante o período de 1978 e 1980,

demonstrando a aproximação dos jornais com setores de oposição que defendiam uma anistia ampla, geral e irrestrita e a volta ao estado de direito. Entre as conclusões, a autora chama a atenção para o fato de que os editoriais do *Coojournal* não fizeram uma campanha explícita pela anistia, e essa seria a diferença entre ele e *O Rio Grande*, que divulgava e criticava com frequência a limitação do projeto de anistia proposta pelo general Figueiredo.

O segundo trabalho é o artigo *Imprensa contra-hegemônica: o caso do Coojournal (1976-1983)*, de Jaime Valim Mansan, publicados nos anais do III Simpósio Lutas Sociais na América Latina em 2008, cuja finalidade é apresentar algumas observações acerca da função ideológica cumprida pelo *Coojournal*. A partir disso, tem a proposta de fazer uma reflexão sobre as possibilidades da imprensa contra-hegemônica na luta por uma superação positiva do sistema do capital. O autor ainda fez uma análise das manchetes de capa dos números de *Coojournal* publicados ao longo de 1979 e mostrou que “de 105 núcleos de sentido identificados, associados a 31 temas reunidos em quatro grandes áreas (política, sociedade, economia e cultura), 65 (62%) corresponderam à área da política, 16 (15%) à de sociedade, 16 (15%) à de cultura e 8 (8%) à de economia”. Ele afirma que tal proporção se repete ao longo dos demais anos, o que caracteriza o *Coojournal* como um periódico predominante político, de oposição ao regime militar. Em sua concepção, o periódico não constitui um exemplo típico de imprensa alternativa, segundo a conceituação de Aquino, mas um caso híbrido entre imprensa alternativa e imprensa convencional. O autor traz Kucinski para fortalecer sua ideia: “*Coojournal*, ao contrário da maioria dos jornais alternativos, era convencional do ponto de vista mercadológico, operando com anúncios, e tendo na receita publicitária parte decisiva de sua cobertura de custos” (Kucinski, 1991, p. 221).

Já a dissertação *Exemplar, Pato Macho e Coojournal: trajetórias alternativas*, de Susel Oliveira da Rosa, de 2002, faz uma análise considerando as especificidades de cada um desses periódicos e as relações com o Estado autoritário e a censura do período. Para isso, examina estratégias discursivas utilizadas por cada um desses jornais, e procura perceber as diversas facetas de resistência e contestação que apresentaram. Na seção sobre o *Coojournal*, uma de suas conclusões sobre a análise do material é que o *Coojournal* nunca foi libertário no sentido de crítica aos costumes, à moral. A mudança pela qual lutava era uma mudança em nível político, na medida em que defendia o retorno ao estado de direito,

constitucional. Para autora:

“(...) o Coojornal não esteve imbuído como Exemplar e Pato Macho, dos ideais do movimento de contracultura, que se opunham a todo um sistema político, econômico, social, cultural e ideológico de forma libertária, criticando a essência de um pensamento liberal. As liberdades “democráticas” defendidas pelos jornalistas do Coojornal, podem ser melhor definidas como liberdades liberais” (ROSA, 2002, p.170).

Esses aspectos demonstram a diferença de posturas e alcance das críticas à ordem vigente entre a imprensa alternativa. A oposição praticada pelo *Coojornal* foi contundente e ativa, principalmente com as chamadas grandes reportagens, em que a equipe desmascarou e tornou público fatos que o Exército procurava esconder. Conforme Rosa, uma oposição que foi política, embasada nos preceitos liberais.

Considerações finais

Ao nos debruçarmos sobre os trabalhos já publicados sobre a cooperativa e o periódico *Coojornal*, percebemos, em primeiro lugar, o interesse que essa organização e seu jornal despertam no campo acadêmico - mais de uma dezena de pesquisas científicas foram desenvolvidas especificamente a respeito do tema, o que não é pouco se lembrarmos que se trata de uma experiência alternativa. Trata-se, assim, de tema e objeto relevantes, que têm sua importância reconhecida na área. Vale lembrar, ainda, como já mencionado, que o *Coojornal* aparece em destaque nas obras voltadas ao estudo do jornalismo alternativo no Brasil durante a ditadura militar.

No entanto, percebemos que as investigações que têm foco na trajetória do jornal apresentam, de modo geral, um recorte mais específico - seja ele temporal ou temático - ou ainda são estudos comparativos com outras publicações. Obviamente essas escolhas não representam demérito algum para os trabalhos analisados, mas deixam entrever uma lacuna a ser preenchida. Chamou-nos a atenção a ausência de uma pesquisa abrangente, que contemple a história do *Coojornal* através do estudo das edições publicadas e da história oral, com o cruzamento de diferentes olhares e versões que circulam sobre esse alternativo. Partindo, assim, do conhecimento já construído e divulgado sobre o periódico, partiremos para a realização dessa pesquisa, que resultará na dissertação de mestrado do autor deste

artigo.

Revisitar a atuação dos jornalistas alternativos durante a ditadura militar, que, mesmo com todas as adversidades, investiram em reportagens investigativas e de denúncia, é uma tentativa de evitar o esquecimento, de manter viva a memória para que os erros do passado não se repitam. Nesse sentido, tanto a experiência da cooperativa quanto do periódico *Coojornal* são inspiradores para o jornalismo contemporâneo, prática em constante transformação.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BERGAMINI, Fraya. **Lutas Democráticas: A campanha pela anistia nos jornais alternativos Coojornal (1978-1980) e O Rio Grande (1979)**. 2008. 83 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

AMADO, Thamis. **Humor e Subversão: A comicidade nas ilustrações do Coojornal e a resistência política**. 2015. 113f. TCC (Graduação) – Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70**. Brasília: Editora UNB, 1991.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa Alternativa: Jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Ática, 1995.

ELLWANGER, Rozana. **A experiência da cooperativa dos jornalistas de Porto Alegre (Coojornal) como alternativa de organização da categoria profissional**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2011.

ELLWANGER, Rozana; FILIPPI, Ângela Cristina Trevisan. Coojornal: experiência cooperativada no jornalismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 12. 2014, Santa Cruz do Sul. **Anais...** . Santa Cruz do Sul: Sbjpor, 2014. p. 1 - 16.

ELLWANGER, Rozana; MELLO, Veridiana Pivetta de. Coojornal: o alternativo dos pampas. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8. 2011, Guarapuava. **Anais...** Guarapuava: Alcar, 2011. p. 1 - 13.

ELLWANGER, Rozana; MELLO, Veridiana Pivetta de. Perdão, leitores: uma análise da crítica política na seção opinativa do Coojornal. In: INTERCOM - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33. 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Intercom, 2010. p. 1 - 15.

GASPARI, ELIO; **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUIMARAENS, Rafael; CENTENO, Ayrton; BONES, Elmar. **Coojornal: Um jornal de jornalistas sob o regime militar**. Porto Alegre: Libretos, 2011.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

MANSAM, Jaime Valim. Imprensa contra-hegemônica: o caso do Coojornal (1976-1983). In: SIMPÓSIO LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 3. 2008, Londrina. **Anais...** Londrina: Iii Simpósio, 2008. p. 1 - 1

MÜLLER, Iuri Almeida. O jornalismo alternativo gaúcho antes e depois de o “Segredo da Pirâmide”: a repercussão do ensaio de Adelmo Genro Filho. In: INTERCOM - CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 13. 2012, Chapecó. **Anais...** . Chapecó: Intercom, 2012. p. 1 - 13.

PEREIRA, André. Coojornal, um novo olhar sobre uma história conhecida. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10. 2015, Porto Alegre. **Anais...** . Porto Alegre: Alcar, 2015. p. 1 - 10.

RIBAS, Rhêa Carolina Hickmann; RAVAZZOLO, Ângela. Correio do Povo e Coojornal: análise hegemônica. In: INTERCOM - CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 14. 2013, S.cruz do Sul. **Anais...** . S.cruz do Sul: Intercom, 2013. p. 1 - 14.

RIBAS, Rhêa Carolina Hickmann; RAVAZZOLO, Ângela. Correio do Povo e Coojornal sob a ótica da hegemonia em Gramsci: o sequestro dos uruguaios na Ditadura Militar. In: INTERCOM - CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 15. 2014, Palhoça. **Anais...** . Palhoça: Intercom, 2014. p. 1 - 15.

ROSA, Susel Oliveira da. **Exemplar, Pato Macho e Coojornal:: trajetórias alternativas**. 2002. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

UCHA, Danilo da Silva. História da Coojornal. In: **O poder da imprensa alternativa pós-64: históricos e desdobramentos**. Rio de Janeiro: Rio Arte, 1985.